

Oficinas e Omame

Reynaldo Jardim*

Geraldinho Vieira detonou o processo de explosão cultural de Brasília. Vão voar estilhaços ños cinco cantos do Brasil. A equivalência histórica será a semana de 22.

O pivô da história é o teatro. Não se trata da montagem pura e simples de um espetáculo. Durante dois meses, Hamilton trouxe o trombone, Helinho Eichbauer Rei da Vela, mas Hugo Rodas, Leta Brito, Ricardo Nauenberg, Mário Manga, Rita Murinho, Chiquinho Amaral, Quinderê Morangos e Lunetas, mais dezenas de atores e atrizes, bailarinas, artistas plásticos e gráficos, pensadores e não-pensadores estarão fazendo brotar do chão limpo, do papel em branco, do palco descarnado, algo que nem eles nem ninguém sabe o que é. Quase duas mil pessoas já se inseriram para aprender-ensinar-aprender o mistério do parto. Ao mundo virá, sob as luzes dos refletores, do sol, da lua ou das estrelas, um espetáculo-antiespetáculo que não vai se esgotar no formalismo vazio de experimentalismos pirotécnicos. Juro que será uma celebração, um ritual religiosamente pagão, marcado pela rebeldia, pela transgressão, pela beleza. Sem dúvida um ato de amor a cada um de nós, à cidade, ao universo. A cultura, brasileira e nacional, já não será a mesma depois de essa gloriosa aventura cumprir o seu ciclo.

Tenho motivos para a profecia.

Vivemos tempos, apesar de tantos fundos nacionais e locais de apoio à cultura, de desconsolo e desânimo, sem ímpetos, acomodados e incomodados, subvertidos e desalmados, desamados por nós mesmos, apáticos e perplexos. Cada um fazendo suas artes como pode e deve, mas insulado em vivências solitárias.

E esse é, historicamente, o momento das explosões, da curva ascendente, do crescimento, da criação e da invenção. Momento de ruptura, ponto de mutação. E é precisamente agora que, sem lenço, sem bandeira, mas muito bem documentado, Geraldinho Vieira acende os holofotes da esperança no coração do planalto central do país. Se as artes cênicas surgem como ponto de referência, como elemento detonador, tudo indica que dessa usina de fantasias e concretudes, de sabedoria e experimento, das as linguagens estéticas surgirão holonisticamente harmonizadas. As oficinas-espetáculo acontecem na sede da Fundação Ballet do Brasil e a celebração final-inicial no palco do Teatro Nacional de Brasília. Dai transborda para outras cidades, para o Brasil, para a história.

Essa é uma das explosões do e no Planalto Central.

A outra chama-se projeto Omame, o espírito da terra, da água, do fogo, do ar, do éter. Anote: Austrália, Canadá, Chile, Egito, Inglaterra, Estados Unidos, Rússia, Suécia, Uganda, Filipinas, Estônia, Japão, Romênia, Holanda, Ucrânia, França, Alemanha, Índia, Uruguai. Cento e dez artistas e pensadores desses países estão em Brasília, celebrando a diversidade ecológica, cultural e espiritual do planeta e a interdependência de tudo o que existe nesse evento a que chamamos universo. essa fita de Moebius que o homem percorre em sua eternidade.

O Ritual de abertura aconteceu na Esplanada dos Ministérios, em frente ao Congresso Nacional, com a participação de Craig Gibsone (Findhorn Foundation—Escócia), Ailton Krehak, David Kopenawa Yanomami, cacique Tsacere Xavante. O local não poderia ser mais apropriado como gerador de uma força energética capaz de limpar a aura carregada dos que se dizem representantes do povo. Não creio que apenas um ritual possa iluminar as almas penadas que atornentam a vida política brasileira. Em todo caso vale a tentativa.

A pulsação de Gaia na sinfonia da evolução cósmica nos mostrou através de danças sagradas de Provença (e outras divinas bruxarias nacionais e internacionais) que este nosso condenado planeta pode ser salvo, se conseguir vibrar em uma frequência mais humanizada, mais vegetal. Não foi por acaso que o cenário escolhido foi o imenso Jardim Botânico.

Ainda: homenagem a Thaweyomaa e à sagrada dimensão do feminino; o fogo como afirmação de vida e tocha que indica o caminho; o universo em constante expansão; a transformação do homem em ser cósmico; a interconexão de tudo o que existe no grande evento chamado universo.

A regência geral é do Bené Fonteles, Xamã de muitas artes e naturezas, corpos, almas e espíritos.

Os cariocas não precisam morrer de inveja. Omame vai baixar no Rio de Janeiro a 9 de junho como parte da Eco.

* Jornalista e escritor